

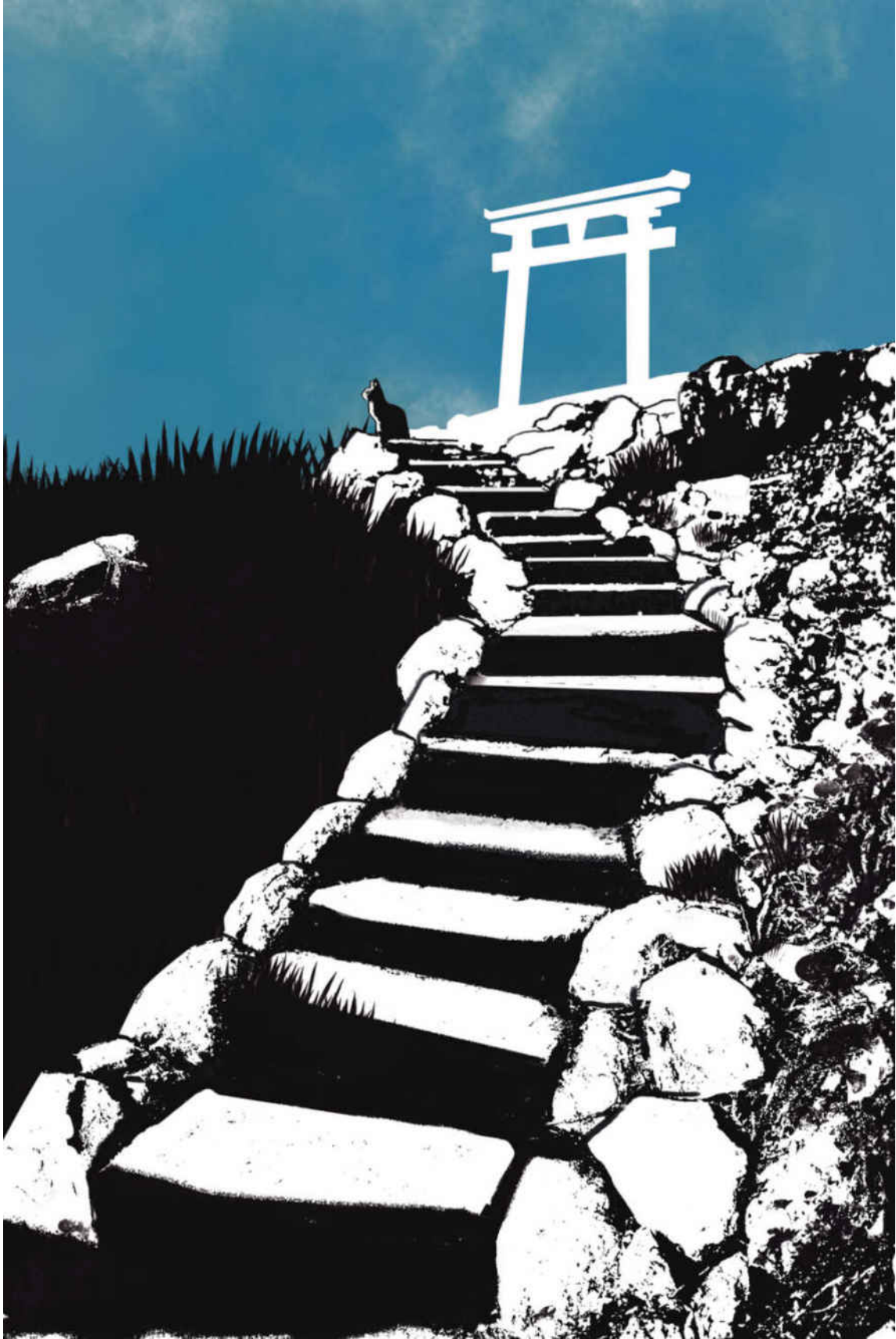


UM
CONTO
para
SER TEMPO

RUTH OZEKI



MORROBRANCO
EDITORA



UM
CONTO
para
SER TEMPO

RUTH OZEKI

Tradução
Heci Regina Candiani



AVISO DE CONTEÚDO: DEPRESSÃO, SUICÍDIO E VIOLÊNCIA SEXUAL

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Dedicatória

Parte I

Nao

Ruth

Nao

Ruth

Nao

Ruth

Nao

Ruth

Nao

Parte II

Ruth

Nao

Ruth

Nao

Ruth

Nao

Ruth

Nao

Ruth
Nao
Ruth
Nao
Cartas de Haruki #1

Parte III

Nao
Ruth
Nao
Ruth
Nao
Ruth
Diário secreto de Haruki #1 em francês
Ruth
Nao
Ruth

Parte IV

Nao
Ruth
Nao
Ruth

Epílogo

Apêndices

Apêndice A: Momentos Zen
Apêndice B: Mecânica quântica

Apêndice C: Divagações

Apêndice D: Nomes de templos

Apêndice E: O gato de Schrödinger

Apêndice F: Hugh Everett

Bibliografia

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos

Para Masako, pelo agora e para sempre



PARTE I

Um antigo buda disse certa vez:

Pelo ser-tempo, em pé no topo do monte mais alto;

Pelo ser-tempo, movendo-se no leito do mar mais profundo;

Pelo ser-tempo, um demônio de três cabeças e oito braços;

Pelo ser-tempo, o corpo dourado de um buda de cinco metros;

Pelo ser-tempo, um cajado de monge ou um moscadeiro¹ de sacerdote;

Pelo ser-tempo, uma pilastra ou uma lamparina;

Pelo ser-tempo, qualquer Chico ou Joana;²

Pelo ser-tempo, a terra inteira e o céu infinito.

— Dōgen Zenji, “O ser-tempo”³

1. Em japonês, *hossu*: um pequeno batedor feito com crina de cavalo, carregado por um monge Zen-Budista.

2. Em japonês, *chōsan rishi*: literalmente, o terceiro filho de Zhang e o quarto filho de Li; uma expressão idiomática que significa “qualquer pessoa comum”. Traduzi como “qualquer Chico ou Joana”, mas poderia ser também “qualquer Toninho, Chico ou Zeca”.

3. Eihei Dōgen Zenji (1200-1253): mestre Zen e autor do *Shōbōgenzō* (*O tesouro do verdadeiro olho do dharma*). “O ser-tempo” (*Uji*) é o décimo primeiro capítulo.

NAO

1.

Oi!

Meu nome é Nao e sou um ser-tempo. Você sabe o que é um ser-tempo? Bom, se me der um minuto, eu explico.

Um ser-tempo é alguém que vive no tempo, e isso inclui você, eu e cada um de nós que existe, existiu ou existirá um dia. No meu caso, agora estou sentada em um café onde as atendentes se vestem como empregadas francesas, na Cidade Elétrica de Akiba; ouço uma *chanson* triste que toca em algum momento do seu passado, que é também o meu presente; escrevo isto e reflito sobre você, em algum lugar do meu futuro. E, se você está lendo isto, talvez, a esta altura, também reflita sobre mim.

Você reflete sobre mim.

Eu reflito sobre você.

Quem é você e o que está fazendo?

Está pendurado na alça de um vagão de metrô em Nova York ou imerso em sua banheira de hidromassagem em Sunnyvale?

Está tomando sol nas areias da praia de Phuket ou fazendo as unhas dos pés em Abu Dhabi?

Você é homem ou mulher ou está em algum lugar entre um e outro?

Sua namorada está lhe preparando um jantar apetitoso ou você está comendo macarrão chinês frio de uma caixinha?

Você está se encolhendo, indiferente, de costas para sua esposa, que ronca, ou aguardando, com ansiedade, que seu belo amante saia do banho para fazer amor com ele apaixonadamente?

Você tem uma gata e ela está sentada no seu colo? A testa dela tem o cheiro de cedros e a doçura do ar fresco?

Na verdade, tanto faz, pois no momento que ler isto, tudo será diferente, e você não estará em nenhum lugar específico, mas folheando ao acaso as páginas deste livro que vem a ser o diário dos meus últimos dias na terra, pensando se deve continuar lendo.

E se decidir não ler mais, ei, sem problemas, porque então não era por você que eu estava esperando, mesmo. Mas se decidir seguir com a leitura, então, adivinhe? Você é meu tipo de ser-tempo e, em conjunto, faremos mágica!

2.

Ai. Que ridículo. Preciso melhorar. Aposto que você está se perguntando que garota seria tão tola a ponto de escrever essas palavras.

Bem, eu seria.

Não seria.

Não sou eu, Naoko Yasutani, que é o meu nome completo, mas pode me chamar de Nao, porque todo mundo me chama assim. E é melhor que eu conte para você um pouco mais a meu respeito, se vamos continuar nos encontrando desse modo! 😊

Na verdade, não mudou muita coisa. Ainda estou sentada no café com atendentes vestidas de empregadas francesas na Cidade Elétrica de Akiba, Edith Pilaf está cantando outra *chanson* triste, Babette acabou de me trazer um café e tomei um gole. Babette é minha atendente e também minha nova amiga; meu café é do tipo Blue Mountain, que bebo puro, o que é incomum para uma adolescente, mas é assim que se deve beber um bom café, se você tiver algum respeito pelo grão amargo.

Ajeitei minha meia e cocei atrás do joelho.

Alisei a saia para que as pregas se alinhem perfeitamente sobre minhas coxas.

Coloquei os cabelos, que batem nos ombros, atrás da orelha, que tem cinco furos, mas agora os deixo cair um pouco sobre meu rosto porque o assalariado otaku⁴ que está sentado na mesa ao meu lado está encarando, e isso me assusta, embora eu também ache divertido. Estou usando meu uniforme da escola secundária e posso dizer, pelo jeito que ele está olhando para o meu corpo, que ele tem um grande fetiche por estudantes adolescentes da escola secundária e, se é esse o caso, então por que ele está em um café francês? Quer dizer, que cretino!

Mas nunca se sabe. Tudo muda, e tudo é possível, então talvez eu mude de ideia sobre ele também. Talvez nos próximos minutos ele se curve, sem jeito, na minha direção e me diga algo surpreendentemente bonito, e serei tomada de ternura por ele, apesar de seus cabelos oleosos e sua pele feia, e vou acabar aquiescendo em conversar um pouco com ele, e talvez ele me convide para fazer compras, e se ele conseguir me convencer de que está loucamente apaixonado por mim, irei a uma loja de

departamentos com ele e deixarei que compre para mim um suéter bonito, ou um keitai,⁵ ou uma bolsa, embora seja evidente que ele não tem muito dinheiro. E, depois, talvez iremos a uma boate beber uns coquetéis, e escaparemos para um motel com um grande Jacuzzi, e depois de tomarmos banho, assim que eu começar a me sentir confortável com ele, a verdadeira natureza interior dele emergirá de repente, e ele vai me amarrar e colocar a sacola plástica do meu novo cardigã na minha cabeça e me estuprar; horas depois, a polícia vai encontrar meu corpo nu, sem vida, dobrado em ângulos estranhos no chão, ao lado da grande cama redonda coberta com estampa de zebra.

Ou talvez ele apenas me peça para o estrangular um pouco com a calcinha enquanto ele se diverte com seu belo aroma.

Ou talvez nada disso aconteça, exceto na minha mente e na sua, porque, como eu disse, juntos estamos fazendo mágica, ao menos por um tempo.

3.

Você ainda está aí? Acabei de reler o que escrevi sobre o assalariado otaku e queria pedir desculpas. Foi obsceno. Não foi um jeito muito legal de começar.

Não quero passar uma impressão errada. Não sou uma garota tola. Sei que o nome de Edith Pilaf na verdade não é Pilaf. E não sou uma garota obscena nem uma grande fã de hentai,⁶ então, se você for, por favor, só deixe este livro de lado agora mesmo e não leia mais nada, certo? Você só vai se decepcionar e perder tempo, porque este livro não será o diário secreto de uma garota libidinosa,

repleto de fantasias cor-de-rosa e fetiches obscenos. Não é o que você imagina, já que meu propósito ao escrevê-lo é contar a alguém, antes que eu morra, a fascinante história da vida da minha bisavó, de cento e quatro anos, que é uma monja Zen-Budista.

É provável que você não considere as monjas tão fascinantes assim, mas minha bisavó é, e não no sentido libidinoso, de jeito nenhum. Tenho certeza de que existem muitas monjas libidinosas por aí... Bom, não tantas monjas libidinosas, mas sacerdotes libidinosos, com certeza, sacerdotes libidinosos estão em toda parte... Mas meu diário não diz respeito a eles ou a seus comportamentos bizarros.

Este diário contará a verdadeira história da vida da minha bisavó Yasutani Jiko. Ela era monja, romancista e uma Nova Mulher⁷ da era Taishō.⁸ Também era uma anarquista e feminista com muitos amantes, tanto homens quanto mulheres, mas nunca foi libidinoso ou obsceno. E, mesmo que eu possa acabar mencionando alguns de seus casos amorosos, tudo o que eu escrever será historicamente verdadeiro e emancipador para as mulheres, e não um monte de besteiras tolas sobre gueixas. Então, se coisas libidinosas e obscenas lhe dão prazer, por favor, feche este livro, dê-o à sua esposa ou colega de trabalho e poupe aborrecimentos.

4.

Acho importante ter objetivos bem definidos na vida, não é? Ainda mais se não lhe resta muito tempo de vida. Porque se você não tem objetivos claros, pode ficar sem tempo, e chegará o dia em que você se verá em pé no parapeito de um arranha-céu ou se sentará na

cama com um frasco de comprimidos na mão, pensando: Merda! Estraguei tudo. Eu devia ter definido objetivos mais claros para mim!

Estou lhe dizendo isso porque, na verdade, não estarei aqui por muito tempo, melhor você saber disso de antemão, para não fazer suposições. Suposições são uma droga. São como expectativas. Suposições e expectativas estragam qualquer relacionamento, então, não vamos por aí, nem eu nem você, ok?

A verdade é que muito em breve obterei o diploma do tempo, ou talvez eu não devesse dizer isso, porque faz parecer que na realidade alcancei meus objetivos e mereço seguir em frente, quando o fato é que acabei de fazer dezesseis anos e não realizei coisa alguma. *Zilch*. Nada. Estou soando ridícula? Não é minha intenção. Só quero ser precisa. Quem sabe, em vez de falar que vou obter o diploma do tempo, eu devesse dizer que vou abandoná-lo. Abandonar o tempo. Tempo esgotado. Sair da minha existência. Estou contando os momentos.

Um...

Dois...

Três...

Quatro...

Ei, já sei! Vamos contar os momentos ao mesmo tempo!⁹

4. *Otaku* (お宅): fã obsessivo, fanático, gênio dos computadores, nerd.

5. *Keitai* (携帯): celular.

6. *Hentai* (変態): pervertido, um degenerado sexual.

7. Nova Mulher: termo usado no Japão no início do século xx para descrever mulheres progressistas, que haviam estudado e que rejeitavam as limitações dos papéis de gênero tradicionais.

8. A Era Taishō (1912-1926) recebeu no nome do Imperador Taishō e é também chamada Democracia Taishō; um breve período de liberação social e política que terminou com a tomada do poder por militares de direita que conduziram o país à Segunda Guerra Mundial.

9. Para mais reflexões sobre os momentos Zen, veja o Apêndice A.

RUTH

1.

Uma cintilação minúscula chamou a atenção de Ruth, um pequeno lampejo da luz do sol refratada sob um volumoso emaranhado de algas secas, que o mar tinha atirado na areia durante a maré alta. Ela o confundiu com o brilho de uma água-viva agonizante e quase passou direto. As praias ficavam infestadas de águas-vivas nessa época, da espécie monstruosa, vermelha e cheia de filamentos, fazendo parecer haver feridas espalhadas pela costa.

Mas algo a deteve. Ela se abaixou e empurrou a pilha de algas com a ponta do tênis, depois a cutucou com um graveto. Desembaraçando as folhas que pareciam chicotes, afastou-as o suficiente para ver que o que reluzia ali embaixo não era uma medusa agonizante, mas alguma coisa de plástico, um saquinho. Nenhuma surpresa. O oceano estava cheio de plástico. Ela cavou um pouco mais, até que conseguiu erguer o saco pelo canto. Era mais pesado do que esperava, um saquinho plástico de congelador todo marcado, incrustado de cracas que se espalhavam pela superfície como brotoejas. *Deve ter ficado no oceano por muito tempo*, pensou. Dentro do saquinho, ela podia entrever algo vermelho, sem dúvida era o lixo que alguém atirou de um barco ao mar ou que abandonou depois de um piquenique ou uma *rave*. O mar estava sempre levando e lançando essas coisas de volta: linhas

de pesca, boias, latas de cerveja, brinquedos de plástico, absorventes, tênis da Nike. Anos atrás, havia pés decepados. As pessoas os encontravam para cima e para baixo na ilha de Vancouver, encalhados na areia. Um deles havia sido encontrado nesta mesma praia. Ninguém conseguia explicar o que tinha acontecido com o restante dos corpos. Ruth não queria pensar no que poderia estar apodrecendo dentro do saco. Ela o arremessou para longe do mar. Continuaría sua caminhada e depois o pegaria na volta, levaria para casa e jogaria no lixo.

2.

— O que é isto? — perguntou o marido dela do terraço dos fundos.

Ruth estava preparando o jantar, picando cenouras, concentrada.

— Isto — repetiu Oliver, já que ela não respondeu.

Ela levantou o olhar. Ele estava parado na porta da cozinha, erguendo entre os dedos o grande saco feito para ir ao congelador cheio de marcas. Ela o deixara na varanda, com a intenção de depositá-lo no lixo, mas se distraiu.

— Ah, deixe aí — disse. — É lixo. Algo que achei na praia. Por favor, não traga isso para dentro de casa. — Por que ela precisava explicar?

— Mas tem alguma coisa dentro — avisou ele. — Você não quer saber o que é?

— Não — declarou ela. — O jantar está quase pronto.

Ele entrou em casa com o saco plástico mesmo assim e o colocou em cima da mesa da cozinha, espalhando areia. Não conseguia evitar. Era da natureza dele precisar saber, desmontar as

coisas e, às vezes, montá-las de novo. O congelador deles estava cheio de mortalhas plásticas contendo as minúsculas carcaças de pássaros, musaranhos e outros animaizinhos que o gato havia trazido para casa na fila para serem dissecados e empalhados.

— Não é apenas um saco — notificou ele, abrindo, com cuidado, o fecho do primeiro e deixando-o de lado. — São sacos dentro de sacos.

O gato, atraído por toda a ação, pulou sobre a mesa para ajudar. Ele não tinha permissão para subir na mesa. O gato tinha nome, Schrödinger, mas eles nunca o usavam. Oliver o chamava de Peste, apelido que às vezes se transformava em Pesto. E ele estava sempre aprontando alguma, estripando esquilos no meio da cozinha, deixando órgãos pequenos e brilhantes, rins e intestinos, bem na frente da porta do quarto do casal, onde Ruth pisaria neles com os pés descalços, durante a noite, a caminho do banheiro. Agiam em equipe, Oliver e o gato. Quando Oliver subia as escadas, o gato subia as escadas. Quando Oliver descia para comer, o gato descia para comer. Quando Oliver saía para fazer xixi, o gato saía para fazer xixi. Agora Ruth observava os dois examinarem o conteúdo dos sacos plásticos. Ela fez uma careta, antecipando a fedentina do piquenique podre de alguém, ou algo pior, que arruinaria o aroma de sua comida. Sopa de lentilha. O jantar seria sopa de lentilha e salada, e ela acabara de colocar alecrim.

— Acha que seria possível dissecar seu lixo na varanda?

— Foi você que pegou — disse ele. — E, além disso, não acho que seja lixo. Está muito bem embrulhado. — Ele prosseguiu na descamação forense.

Ruth fungou, mas todo o cheiro que conseguiu sentir foi de areia, sal e maresia.

De repente, ele começou a rir.

— Olha, Pesto! — disse. — É para você! Uma lancheira da Hello Kitty!

— Por favor! — protestou Ruth, agora sentindo-se desesperada.

— E tem alguma coisa dentro...

— Estou falando sério! Não quero que você abra isso aqui. Leve lá para fora...

Mas era tarde demais.

3.

Ele havia desamassado os sacos, colocado um em cima do outro em ordem decrescente de tamanho e depois distribuído o conteúdo em três conjuntos ordenados: uma pequena pilha de cartas escritas à mão; um livro grosso de capa vermelha desbotada; e um relógio de pulso antigo e resistente com mostrador preto fosco e numeração luminosa. Ao lado deles estava a lancheira da Hello Kitty que protegeu o conteúdo dos efeitos corrosivos do mar. O gato farejava a lancheira. Ruth o pegou e o pôs no chão e, em seguida, voltou a atenção para os itens sobre a mesa.

As cartas pareciam escritas em japonês. A capa do livro vermelho estava impressa em francês. A parte de trás do relógio tinha gravações difíceis de decifrar, então Oliver pegou seu iPhone e, usando um aplicativo de microscópio, examinou a inscrição.

— Acho que também é japonês — concluiu ele.

Ruth manuseou as cartas, tentando distinguir os caracteres escritos com tinta azul desbotada.

— A caligrafia é antiga e cursiva. Linda, mas não consigo ler uma palavra sequer. — Ela devolveu as cartas e pegou o relógio que estava com ele. — Sim — afirmou. — São números em japonês. Mas não é uma data. Yon, nana, san, hachi, nana. Quatro, sete, três, oito, sete. Quem sabe é um número de série, não?

Ela segurou o relógio junto à orelha e tentou ouvir o tique-taque, mas ele estava quebrado. Devolveu-o à mesa e pegou a lancheira de um vermelho brilhante. A cor vermelha, visível através do plástico cheio de marcas, foi o que a levou a confundir o saco hermético de congelador com uma água-viva filamentosa. Por quanto tempo ela deve ter boiado no oceano antes de aparecer na praia? A tampa da lancheira tinha uma vedação de borracha na borda. Ela pegou o livro que, para sua surpresa, estava seco; a capa de tecido era macia e estava gasta; os cantos, embotados devido ao manuseio rude. Levou a borda do livro ao nariz e inalou o odor bolorento das páginas mofadas e de poeira. Verificou o título.

— *À la recherche du temps perdu* — leu. — *Par* Marcel Proust.

4.

Eles gostavam de livros, de todos os livros, mas principalmente dos antigos, e a casa estava abarrotada deles. Havia livros por toda parte, enfiados em prateleiras e empilhados no chão, em cadeiras, nos degraus da escada, mas nem Ruth nem Oliver se importavam. Ruth era romancista, e romancistas, declarava Oliver, deviam ter gatos e livros. E, de fato, comprar livros era a consolação dela por

se mudar para uma ilha remota no meio de Desolation Sound, onde a biblioteca pública era uma saleta úmida no andar de cima do centro comunitário, dominada por crianças. Além da extensa seção de livros de literatura juvenil cheios de orelhas e alguns títulos adultos famosos, o acervo da biblioteca parecia incluir, em grande parte, livros sobre jardinagem, conservas enlatadas, segurança alimentar, energia alternativa, cura alternativa e educação alternativa. Ruth sentia falta da abundância e da diversidade das bibliotecas urbanas, com sua amplitude tranquila, e quando ela e Oliver se mudaram para aquela pequena ilha, ambos concordaram que ela deveria poder encomendar qualquer livro que quisesse, o que ela fazia. Ruth chamava isso de pesquisa, embora, no final das contas, ele tivesse lido quase tudo e ela apenas alguns. Ela só gostava de tê-los por perto. Nos últimos tempos, no entanto, começou a notar que a maresia havia estufado as páginas, e traças passaram a morar nas lombadas. Quando os abria, os livros cheiravam a mofo. Isso a entristecia.

— *Em busca do tempo perdido* — disse ela, traduzindo o título dourado em relevo na lombada de tecido vermelho. — Nunca li.

— Eu também não — falou Oliver. — Mas acho que não vou tentar em francês.

— Ahã — concordou ela, mas depois, em todo caso, virou a capa, curiosa para ver se conseguia entender pelo menos as primeiras linhas. Esperava ver uma folha manchada pela idade, impressa em uma fonte antiquada, por isso estava totalmente despreparada para a caligrafia roxa de adolescente que se espalhava pela página. Parecia uma profanação, e aquilo a chocou tanto que ela quase derrubou o livro.

5.

A tipografia é previsível e impessoal, transmitindo informações por meio de uma transação mecânica com os olhos de quem lê.

A caligrafia, em contrapartida, resiste ao olho, revelando seu significado devagar, e é tão íntima quanto a pele.

Ruth olhou para a página. A maior parte das palavras roxas estavam em inglês, com alguns caracteres japoneses aqui e ali, mas seus olhos não captavam, de fato, o significado e sim a *sensação*, obscura e emocional, da presença de quem as escreveu. Os dedos que seguraram a caneta de tinta em gel roxa devem ter pertencido a uma garota, uma adolescente. A caligrafia, aquelas marcas roxas excêntricas estampadas na página, guardava os estados de espírito e as ansiedades dela e, no momento que Ruth colocou os olhos no papel, soube, sem sombra de dúvida, que as pontas dos dedos da garota estavam rosadas e úmidas, e que ela havia roído as unhas até ficar em carne viva.

Ruth olhou as letras com mais atenção. Eram redondas e um pouco desleixadas (como agora imaginava que a garota também deveria ser), mas se mantinham mais ou menos retas e avançavam bravamente pela página em um bom ritmo, sem pressa, mas também sem perda de tempo. Às vezes, no fim de uma linha, elas se aglomeravam um pouco, como pessoas se acotovelando para entrar em um elevador ou em um vagão de metrô enquanto as portas se fecham. A curiosidade de Ruth fora despertada. Era sem dúvidas uma espécie de diário. Ela examinou a capa mais uma vez. Deveria lê-lo? Deliberadamente, voltou à primeira página, sentindo-se um pouco lasciva, como algum abelhudo ou um *voyeur*.

Romancistas passam muito tempo metendo o nariz na vida alheia. Ruth não estava desacostumada com esse sentimento.

Oi!, leu. Meu nome é Nao e sou um ser-tempo. Você sabe o que é um ser-tempo?

6.

— Destroços — comentou Oliver, examinando as cracas que haviam crescido na superfície externa do saco plástico. — Nem acredito.

Ruth ergueu os olhos da página.

— É claro que são destroços — disse. — Ou entulho trazido pelo mar. — O livro parecia aquecer as mãos dela, e ela queria continuar lendo, mas, em vez disso, viu-se perguntando: — Afinal, qual é a diferença?

— Os destroços são acidentais, material encontrado flutuando no mar. O entulho é descartado. É uma questão de intenção. Então, você está certa, talvez isso seja entulho. — Ele colocou o saco plástico de volta na mesa. — Acho que está começando.

— Começando o quê?

— A dispersão de refugos — disse. — Escapando da órbita do Giro do Pacífico Norte...

Os olhos dele brilhavam, e ela notou que ele estava empolgado. Ela recostou o livro no colo.

— O que é um giro?

— Existem onze grandes giros oceânicos no planeta — explicou ele. — Dois fluem diretamente para cá vindos do Japão e se bifurcam ao longo da costa da Colúmbia Britânica. O menor, o Giro

das Aleutas, vai para o norte, em direção às ilhas Aleutas. O maior vai para o sul. Às vezes é chamado de Giro das Tartarugas, porque as tartarugas marinhas se aproveitam dele quando migram do Japão para a Baixa Califórnia.

Ele ergueu as mãos para gesticular um grande círculo. O gato, que tinha caído no sono em cima da mesa, deve ter sentido a empolgação, porque abriu um dos olhos verdes para observar.

— Imagine o Pacífico — continuou Oliver. — O Giro das Tartarugas vai no sentido horário e o Giro das Aleutas segue no sentido anti-horário. — As mãos dele moveram-se como os grandes arcos e espirais de fluxo do oceano.

— É a mesma coisa que Kuroshio?

Ele já havia contado sobre Kuroshio. Também era chamada de Corrente do Japão e trazia a água tropical quente da Ásia para a costa noroeste da América do Norte.

Mas então ele sacudiu a cabeça.

— Não exatamente — explicou. — Os giros são maiores. Como uma combinação de correntes. Imagine um anel de cobras, cada uma mordendo o rabo da que está à frente. Kuroshio é uma das quatro ou cinco correntes que compõem o Giro das Tartarugas.

Ela concordou com a cabeça. Fechou os olhos e imaginou as cobras.

— Cada giro tem um ritmo próprio de órbita — prosseguiu ele. — E o comprimento de uma órbita é chamado de tom. Não é bonito? Como a música dos círculos. O período orbital mais longo é de treze anos, o que define um tom. O Giro das Tartarugas tem meio tom, seis anos e meio. O Giro das Aleutas, um quarto de tom, três anos. Os destroços que flutuam nos giros são chamados de refugio. O

refugo que permanece na órbita do giro é considerado parte da memória do giro. A taxa de escape do giro determina a meia-vida do refugo...

Ele pegou a lancheira da Hello Kitty e a girou nas mãos.

— Imagine todas aquelas coisas que o tsunami varreu das casas das pessoas no Japão para o mar. Eles as estão rastreando e prevendo que aparecerão em nosso litoral. Acho que está acontecendo antes do que se esperava.

NAO

1.

Há tanto a escrever. Por onde devo começar?

Mandei uma mensagem de texto com essa pergunta para minha velha Jiko e ela respondeu: 現在地で始まるべき.¹⁰

Certo, minha querida e velha Jiko. Vou começar aqui mesmo no Fifi's Lovely Apron. O Fifi's é um dos muitos cafés com atendentes vestidas como empregadas que pipocaram por toda a Cidade Elétrica de Akiba¹¹ há uns dois anos, mas o que torna um pouquinho mais especial é o tema de salão francês. O interior é decorado em tons de rosa e vermelho, com detalhes em dourado, ébano e marfim. As mesas são redondas e aconchegantes, com tampos que se assemelham a mármore e pés que parecem esculpidos em mogno; e o par de cadeiras tem estofamento rosa. Rosas de veludo vermelho-escuro se entrelaçam no papel de parede, e as janelas são acortinadas com cetim. O teto é dourado e dele pendem lustres de cristal, e bonequinhas Kewpie nuas flutuam como nuvens pelos cantos. Há uma recepção e uma chapelaria, uma fonte com um filete de água e a estátua de uma mulher nua iluminada por um foco de luz vermelha pulsante.

Não sei se essa decoração é autêntica ou não, pois nunca estive na França, mas arrisco dizer que é provável que não existam muitos cafés com empregadas francesas como este em Paris. Tanto faz. A

atmosfera no Fifi's Lovely Apron é muito chique e intimista, é como estar em um grande e claustrofóbico cartão de dia dos namorados, e as empregadas, de seios empinados e uniformes cheios de babados, também lembram namoradinhas graciosas.

Infelizmente, está bem vazio agora, a não ser por alguns otaku¹² na mesa do canto e dois turistas americanos de olhos arregalados. Irritadas, as empregadas estão alinhadas e mexem nas rendas de suas anáguas, parecendo entediadas e desapontadas conosco, como se esperassem que uma clientela nova e melhor entrasse para animar as coisas. Houve um pingo de animação há pouco, quando um otaku pediu um omurice¹³ com a cara da Hello Kitty feita de ketchup. Uma empregada que, segundo o seu crachá, chama-se Mimi, se ajoelhou diante dele para o alimentar, soprando antes de lhe oferecer cada colherada. Os americanos se divertiram muito com isso, o que foi hilário. Queria que você tivesse visto. Mas depois que ele acabou, Mimi levou embora o prato sujo e agora o tédio voltou a cair. Os americanos só estão bebendo café. O marido está tentando convencer a esposa a deixá-lo também pedir um omurice da Hello Kitty, mas ela está preocupada demais. Eu a ouvi sussurrando que o omurice é muito caro, e ela está certa. A comida aqui é um roubo, mas ganho café grátis porque Babette é minha amiga. Eu conto para você se a esposa relaxar e mudar de ideia.

Não era assim antes. Babette me contou que na época em que esses cafés eram ninki #1!¹⁴ os clientes faziam fila e esperavam horas por uma mesa, as empregadas eram as garotas mais bonitas de Tóquio e, mesmo com o barulho da Cidade Elétrica, era possível ouvi-las gritar Okaerinasaimase, dannasama!,¹⁵ o que faz os homens se sentirem ricos e importantes. Mas agora a moda passou

e as empregadas já não são mais *tendência*, e os únicos clientes são turistas estrangeiros e otaku¹⁶ do interior, ou tipos hentai tristes com fetiches ultrapassados por empregadas. E as empregadas também já não são mais tão bonitas ou graciosas, já que você pode ganhar muito mais dinheiro sendo enfermeira em um café temático de centro médico ou um bichinho felpudo em Bedtown.¹⁷ As empregadas francesas estão em baixa, com certeza, e todo mundo sabe disso, então ninguém se empenha muito. Pode-se dizer que é um ambiente deprimente, mas eu o acho relaxante justamente porque ninguém se empenha demais. Triste é quando todo mundo se empenha muito e mais triste ainda é quando as pessoas se empenham e acham que estão se dando bem. Tenho certeza de que era assim por aqui, com toda a barulheira dos sinos e risadas, as filas de clientes virando o quarteirão e as empregadas lindinhas puxando o saco dos donos do café, que circulavam desengonçados com seus óculos escuros de grife e seus jeans Levi's clássicos como príncipes sombrios ou magnatas do império dos jogos eletrônicos. Esses caras tinham que levar um tombo bem, bem grande.

Por isso, eu nem ligo. Meio que gosto porque sei que sempre posso conseguir uma mesa aqui no Fifi's Lovely Apron, e a música é boa, e agora as empregadas me conhecem e quase sempre me deixam em paz. Talvez este lugar devesse se chamar Fifi's Lonely Apron. Ei, genial! Gostei!

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um conto para ser tempo" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).